

O Livro de Daniel - Número cento e setenta e nove

O clamor da meia-noite e o papel profético de Roma: desvendando os últimos dias no livro de Daniel

Jeff Pippenger
2024-04-09

Agora estamos em terreno sagrado, no que diz respeito ao livro de Daniel, pois chegamos aos versículos que representam o Clamor da Meia-Noite para os cento e quarenta e quatro mil. Os versículos também identificam o selamento do estandarte que é erguido. Estes são os versículos que constituem a porção do livro de Daniel que se refere aos últimos dias e que está desselada, e representam a expressão de Daniel da Revelação de Jesus Cristo que é desselada quando "o tempo está próximo", pouco antes de se encerrar o tempo de graça, no versículo dezesseis.

É Roma que estabelece a visão, como se vê no versículo catorze do capítulo onze, e, portanto, é importante olhar de perto para Roma à medida que avançamos pelos versículos onze a quinze, pois onde não há "visão, o povo perece", e, se não credes em Isaías, capítulo sete, versículos oito e nove, "certamente não sereis estabelecidos".

Urias Smith faz referência a uma regra profética pelo menos quatro vezes em seu livro, Daniel and the Revelation. Essa regra estabelece que um poder profético não é identificado na profecia até que se torne "ligado" ao povo de Deus. Na primeira vez em que a menciona, ele a apresenta em conexão com a introdução de Babilônia no testemunho profético.

"É uma regra manifesta de interpretação que podemos esperar que nações sejam mencionadas na profecia quando se tornam de tal modo ligadas ao povo de Deus que a sua menção se torna necessária para que os registros da história sagrada fiquem completos." Uriah Smith, Daniel e o Apocalipse, 46.

Pelo menos outras três vezes, Smith aborda a regra e aponta para a "aliança" dos judeus em cada uma dessas três ocasiões; em uma referência, porém, ele identifica a aliança como tendo sido cumprida em 162 a.C., ao passo que as outras duas referências concordam com os historiadores modernos, que datam o cumprimento da "aliança" entre os judeus e Roma em 161 a.C.

"É desnecessário lembrar ao leitor que os governos terrestres não são introduzidos na profecia até que se tornem, de algum modo, ligados ao povo de Deus. Roma tornou-se ligada aos judeus, o povo de Deus naquele tempo, pela famosa Liga Judaica, em 161 a.C. 1 Macabeus 8; Antiguidades de Josefo, livro 12, capítulo 10, seção 6; Prideaux, Vol. II, página 166. Mas sete anos antes disso, isto é, em 168 a.C., Roma havia conquistado a Macedônia e feito daquele país uma parte de seu império. Roma é, portanto, introduzida na profecia precisamente quando, a partir do chifre macedônio conquistado do bode, avança para novas conquistas em outras direções. Portanto, ela apareceu ao profeta, ou pode ser propriamente mencionada nesta profecia, como procedendo de um dos chifres do bode." Uriah Smith, Daniel and the

Revelation, 175.

Mas Smith também afirma que foi em 162 a.C.

“O mesmo poder também havia de estabelecer-se na Terra Santa e consumi-la. Roma veio a ligar-se ao povo de Deus, os judeus, por aliança, em 162 a.C., a partir de cuja data ocupa lugar proeminente no calendário profético. Não adquiriu, porém, jurisdição sobre a Judeia por conquista efetiva até 63 a.C.; e então da seguinte maneira.” Uriah Smith, Daniel e o Apocalipse, 259.

E então, na terceira vez em que ele menciona o evento, ele volta a dizer 161 a.C.

“Tendo-nos conduzido, por meio dos acontecimentos seculares do império, até ao fim das setenta semanas, o profeta, no versículo 23, faz-nos retroceder ao tempo em que os romanos se tornaram diretamente ligados ao povo de Deus por meio da aliança judaica, em 161 a.C.; a partir desse ponto, somos então levados, em linha direta de acontecimentos, até ao triunfo final da igreja e ao estabelecimento do reino eterno de Deus. Os judeus, sendo gravemente oprimidos pelos reis sírios, enviaram uma embaixada a Roma, para solicitar o auxílio dos romanos e para se unirem a eles em ‘uma aliança de amizade e confederação’. 1 Macabeus 8; Prideaux, II, 234; Antiguidades dos Judeus, de Josefo, livro 12, capítulo 10, seção 6. Os romanos atenderam ao pedido dos judeus e concederam-lhes um decreto, redigido nestas palavras:—”

'O decreto do Senado concernente a uma aliança de auxílio e amizade com a nação dos judeus. Não será lícito a nenhum dos que estão sujeitos aos romanos fazer guerra à nação dos judeus, nem auxiliar os que o fizerem, seja enviando-lhes trigo, ou navios, ou dinheiro; e, se algum ataque for feito contra os judeus, os romanos os auxiliarão quanto lhes for possível; e, do mesmo modo, se algum ataque for feito contra os romanos, os judeus os auxiliarão. E, se os judeus quiserem acrescentar ou retirar algo desta aliança de auxílio, isso será feito com o consentimento comum dos romanos. E qualquer adição assim feita será válida.' 'Este decreto', diz Josephus, 'foi escrito por Eupolemus, filho de John, e por Jason, filho de Eleazer, quando Judas era sumo sacerdote da nação, e Simon, seu irmão, era general do exército. E esta foi a primeira aliança que os romanos fizeram com os judeus, e foi tratada desta maneira.' Uriah Smith, Daniel e o Apocalipse, 271.

Não é minha responsabilidade explicar por que Smith citou 162 a.C., além da minha suposição de que foi um erro de digitação. Meu ponto está em destacar a ênfase que ele confere ao que identifica como “uma regra manifesta de interpretação segundo a qual podemos esperar que as nações sejam mencionadas na profecia quando se tornarem tão ligadas ao povo de Deus que a menção delas se torne necessária para tornar completos os registros da história sagrada”. Quando Smith enfatiza essa regra, ele identifica que Roma se tornou ligada ao povo de Deus na “liga” do versículo vinte e três, em 161 a.C., mas Smith também aponta que Roma é introduzida pela primeira vez na narrativa profética em 200 a.C., trinta e nove anos antes de 161 a.C.

Introduz-se agora um novo poder — 'os salteadores do teu povo'; literalmente, diz o bispo Newton, 'os destruidores do teu povo'. Longe, às margens do Tibre, um reino vinha se nutrindo

de projetos ambiciosos e desígnios sombrios. Pequeno e fraco a princípio, cresceu com maravilhosa rapidez em força e vigor, estendendo-se cautelosamente aqui e ali para provar seu valor e testar o vigor de seu braço guerreiro, até que, consciente de seu poder, ergueu ousadamente a cabeça entre as nações da terra e, com mão invencível, tomou o leme de seus assuntos. Doravante, o nome de Roma inscreve-se na página da história, destinado por longas eras a controlar os assuntos do mundo e a exercer poderosa influência entre as nações até o fim dos tempos.

“Roma falou; e a Síria e a Macedônia logo perceberam uma mudança sobrevindo ao aspecto de seu sonho. Os romanos interferiram em favor do jovem rei do Egito, determinados a que ele fosse protegido da ruína planejada por Antíoco e Filipe. Isto foi em 200 a.C., e constituiu uma das primeiras interferências importantes dos romanos nos negócios da Síria e do Egito.” Uriah Smith, *Daniel and the Revelation*, 256.

Roma é introduzida pela primeira vez na narrativa profética no ano 200 a.C., e essa introdução, no versículo catorze, é a referência mais significativa a Roma em todo o livro de Daniel, pois é exatamente o versículo que define Roma como o símbolo que estabelece a visão. Por que Smith pôde enfatizar tal regra de profecia e, em seguida, citar 161 a.C., ao mesmo tempo em que identifica o ano 200 a.C. como o ponto em que o poder de Roma foi “introduzido”, não é um problema que eu deseje resolver. Se tenho uma questão a ser resolvida, seria saber se a regra, tal como definida por Smith, é válida ou não. Se for válida, então eu argumentaria que o versículo catorze deve ter uma ligação com os judeus, ocorrida antes da aliança de 161 a.C.

Eu entendo que a história dos versículos treze a quinze identifica uma história nos últimos dias, quando a Roma papal se intromete na história profética, e o faz em conexão com os Estados Unidos, que são o povo de Deus nessa história. Porque Jesus sempre ilustra o fim com o princípio, o ano 200 a.C., quando a Roma pagã entrou na história, deve ter uma conexão com o povo de Deus nessa história. Portanto, concordo com a regra de Smith, mesmo que ele não tenha encontrado nenhuma conexão direta entre Roma e os judeus no ano 200 a.C.

Os versículos onze e doze identificam a vitória e as consequências da Batalha de Ráfia, ocorrida em 217 a.C., entre o Império Selêucida, liderado por Antíoco III Magnus, ou “o Grande”, e o Reino Ptolemaico do Egito, liderado pelo rei Ptolemeu IV Filopátor. Essa batalha ocorreu durante a disputa pelo controle da Celessíria (sul da Síria) e do sul da Palestina, territórios contestados entre os reinos ptolemaico e selêucida. A vitória de Ptolemeu IV Filopátor em Ráfia permitiu-lhe manter o controle sobre a Celessíria e o sul da Palestina por algum tempo.

A Batalha de Panium, que ocorreu dezessete anos depois, em 200 a.C., também conhecida como a Batalha do Monte Panium ou a Batalha de Paneas, foi travada entre o Império Selêucida, liderado pelo rei Antíoco III, e o Reino Ptolemaico do Egito, liderado pelo rei Ptolemeu V.

Trinta e um anos depois, em 167 a.C., a Revolta dos Macabeus, uma rebelião judaica contra as tentativas do Império Selêucida de suprimir as práticas religiosas judaicas e impor a cultura helenística, começou na localidade de Modein, uma pequena cidade situada na região da Judeia, no que hoje é Israel.

O evento em questão envolveu o infame governante selêucida grego, Antíoco IV Epífanes, que havia imposto rigorosas práticas helenísticas à população judaica, incluindo a proibição das observâncias religiosas judaicas e a profanação do Templo em Jerusalém. Em um esforço para fazer cumprir seus decretos, Antíoco enviou representantes a várias cidades e aldeias para obrigar os habitantes judeus a cumprir suas ordens.

Em Modein, um dos oficiais selêucidas chegou para fazer cumprir o decreto do rei, ordenando que os habitantes judeus participassem de rituais pagãos e fizessem oferendas aos deuses gregos. Um sacerdote judeu idoso chamado Mattathias recusou-se a cumprir a ordem e matou tanto um judeu que se adiantou para oferecer o sacrifício quanto o oficial selêucida. Esse ato de desafio de Mattathias e de sua família marcou o início da Revolta dos Macabeus contra o domínio selêucida.

Matatias e seus cinco filhos, incluindo Judas Macabeu, fugiram para as colinas e começaram uma guerra de guerrilha contra as forças selêucidas. A revolta acabou por crescer em força e apoio, levando a uma série de vitórias militares contra os selêucidas.

Os acontecimentos em Modin, em 167 a.C., constituíram um momento decisivo na história judaica, assinalando o início da Revolta dos Macabeus e da luta pela liberdade religiosa e pela independência contra o domínio estrangeiro. A rededicação do segundo templo em Jerusalém, que assinala o acontecimento histórico celebrado durante Hanucá, ocorreu em 164 a.C., três anos antes da “aliança” do versículo vinte e três.

Depois de reconquistarem Jerusalém e o Templo, os Macabeus purificaram o Templo das contaminações pagãs e o restauraram ao seu devido uso religioso. Segundo a tradição, eles encontraram apenas uma única botija de óleo consagrado, suficiente para acender a menorá por apenas um dia. Na verdade, não existe testemunho histórico contemporâneo desse evento, e só no século VI é que a fábula judaica aparece na literatura. A irmã White compara a igreja judaica apóstata com a Igreja Católica, ressaltando especialmente que ambas baseiam a religião em costumes e tradições humanas. Assim como os muitos e variados milagres fabricados na história da Igreja papal, a fábula do óleo de um dia durar oito dias não tem testemunho histórico.

O versículo dez, do capítulo onze de Daniel, identifica a primeira batalha das três batalhas do versículo quarenta, as quais anteriormente identifiquei como três batalhas de uma guerra fria, bem como três guerras por procuração. Uma irmã questionou o fato de eu definir a Guerra da Ucrânia, que é a segunda dessas três guerras, como guerra fria, pois, como ela corretamente observou, tem havido abundante morte e destruição. O que venho definindo, em artigos anteriores, como as três batalhas da “guerra fria”, foi assim definido para traçar uma distinção entre essas três batalhas e as três Guerras Mundiais que ocorrem durante a história da besta da terra de Apocalipse treze. Essas três guerras são guerras por procuração e também têm sido definidas dessa maneira.

Pretendo identificar essas três batalhas como “as três batalhas do versículo quarenta” ou guerras por procuração, daqui em diante nestes artigos, a fim de eliminar a discrepância de identificar uma guerra quente como uma guerra fria. Segundo minha definição, as três batalhas do versículo quarenta não incluem a batalha de 1798, a qual faz parte do versículo quarenta, mas apenas as três batalhas desde o tempo do fim, em 1989, até a lei dominical do versículo quarenta e um. As três

batalhas são mais corretamente identificadas como guerras por procuração, realizadas dentro do contexto da guerra entre o rei do norte e o rei do sul, que, na história do versículo quarenta, representam a guerra entre o catolicismo (o rei do norte) e o comunismo (o rei do sul).

A primeira dessas três batalhas identifica a vitória do Catolicismo sobre o Comunismo em 1989, quando o papado se uniu ao seu exército por procuração, representado pelos Estados Unidos, para varrer a União Soviética em 1989, embora a Rússia, a cabeça (ou "fortaleza"), tenha permanecido de pé. A atual guerra na Ucrânia é mais uma vez uma batalha entre o Catolicismo e o Comunismo, com o papado empregando o governo ucraniano como seu preposto contra a Rússia, juntamente com o apoio do antigo poder por procuração do papado, os Estados Unidos, incluindo o restante do mundo ocidental globalista. Essa guerra está representada nos versículos onze e doze e indica que o Comunismo (a Rússia) prevalecerá sobre o Catolicismo.

A terceira dessas três batalhas por procuração é representada no versículo quinze, como a Batalha de Pânio. A batalha ocorreu entre o reino ptolemaico (o rei do sul) e o reino selêucida (o rei do norte). Nessa batalha, o exército por procuração do catolicismo é, mais uma vez, os Estados Unidos.

Na primeira batalha, em 1989, o exército por procuração do chifre republicano dos Estados Unidos foi empregado pelo papado para derrubar a estrutura política da União Soviética, ao mesmo tempo deixando intacta a sua cabeça (Rússia). Na segunda batalha, que é a guerra ucraniana, o exército por procuração dos nazistas é derrotado pela Rússia. Na terceira batalha, os Estados Unidos, o exército por procuração do papado, derrotam novamente o rei do sul.

As três batalhas trazem a assinatura de "Verdade", com a primeira e a última sendo conduzidas pelo vitorioso exército por procuração dos Estados Unidos. Na primeira batalha, a cabeça do rei do sul foi deixada intacta, e na terceira batalha o exército por procuração dos Estados Unidos torna-se a cabeça do rei do sul. O segundo exército por procuração também foi o exército por procuração do papado na Segunda Guerra Mundial. Em ambos os casos, o exército por procuração do nazismo foi e será derrotado. O papado subjuga completamente todos os seus inimigos antes do verso dezesseis, quando a tríplice união é consumada.

Faltou a Ptolemeu [Putin] a prudência para fazer bom uso de sua vitória. Se tivesse aproveitado o seu sucesso, provavelmente teria se tornado senhor de todo o reino de Antíoco; mas, contente em fazer apenas algumas intimidações e algumas ameaças, fez a paz para poder entregar-se à indulgência ininterrupta e descontrolada de suas paixões brutais. Assim, tendo conquistado seus inimigos, foi vencido por seus vícios e, esquecendo-se do grande nome que poderia ter estabelecido, passou o tempo em banquetes e devassidão.

Seu coração se ensoberbeceu com seu sucesso, mas estava longe de ser fortalecido por isso; pois o uso inglorioso que dele fez levou seus próprios súditos a se rebelarem contra ele.

Uma segunda testemunha de que a vitória de Putin marca o seu fim está no rei Uzias, do reino do sul de Judá, cujo coração também se exaltou por suas vitórias militares e, em seguida, como com Ptolemeu, procurou realizar a obra dos sacerdotes no santuário, e foi acometido de lepra e

imediatamente removido do poder. A vitória de Putin na guerra na Ucrânia marca o início do seu fim como o rei do sul (o rei do ateísmo). Seu fim foi tipificado pelo início do rei profético do sul do verso quarenta (a França), que identificou uma revolução que derrubou a liderança, como aconteceu com Ptolemeu. O fim de Putin também foi representado com o fim da União Soviética, em que o líder (Gorbachev) dissolveu a União Soviética e imediatamente assumiu um cargo na Organização das Nações Unidas, o símbolo globalista dos últimos dias do ateísmo, o rei do sul. Após a vitória de Putin na Ucrânia, ele também é tipificado por Napoleão em Waterloo, e pelo exílio que se seguiu; e também pelo rei Uzias, com sua lepra, e o exílio que se seguiu, assim como pelo fim de Ptolemeu, marcado pela embriaguez, e pelo fim da União Soviética em 1989.

A Batalha de Pânio ocorreu em 200 a.C., e, nesse mesmo ano, Roma intervém abertamente na história. Sua inserção na narrativa profética precede a conquista de Jerusalém representada no versículo dezesseis e cumprida em 63 a.C., no tempo em que ela proclamava ser a defensora do rei-menino no Egito. Na terceira batalha do versículo quarenta, envolvendo os reis do norte e do sul, o papado se inserirá novamente na história, pretendendo ser o protetor da Rússia. Nesse mesmo tempo, Seleuco, no tipo, derrotou Ptolomeu na batalha de Pânio, identificando assim que os Estados Unidos, o exército procurador do papado na primeira e na última batalhas do versículo quarenta, derrotam o “Egito” (o rei do sul).

No ano 200 a.C., encontramos simbolicamente o papado, quando a meretriz de Tiro começa a entoar seus cânticos de prostituição em antecipação à união tríplice na lei dominical do versículo dezesseis. Ao mesmo tempo, os Estados Unidos prevalecem sobre as Nações Unidas, assegurando assim sua posição como o rei preeminente dos dez reis. Todas as dinâmicas da união tríplice que se cumprem na lei dominical estão estabelecidas antes do versículo dezesseis.

A estrutura política do poder do dragão, como representada pelas Nações Unidas, concorda, no versículo dezesseis, em entregar sua estrutura política à besta, mas, antes de fazê-lo, o papado conquista a religião do dragão. O paganismo deve, mais uma vez, ser retirado. O protestantismo foi removido nos anos de Reagan, na primeira batalha do versículo quarenta, e, na época do último presidente republicano, a religião do dragão também será submetida à religião do catolicismo, como foi no ano 508. O processo de remover qualquer resistência religiosa à entronização do papado começou nos anos de Reagan e termina nos anos de Trump. A resistência do protestantismo apóstata contra o catolicismo foi removida na primeira batalha do versículo quarenta, e a resistência do espiritismo será removida na última batalha do versículo quarenta.

No mesmo intrincado entrelaçamento dos acontecimentos humanos, o protestantismo apóstata deve estabelecer-se como a autoridade religiosa e política sobre os dez reis do capítulo dezessete do Apocalipse. Assim, a Batalha de Panium identifica o momento em que os Estados Unidos prevalecem sobre as Nações Unidas, pouco antes da lei dominical do versículo dezesseis.

É uma regra estabelecida da profecia que o dragão, a besta e o falso profeta têm, cada um, as suas próprias características proféticas peculiares. Uma dessas características proféticas é que a besta (Catolicismo) está sempre, profeticamente, localizada na cidade de Roma. O Falso Profeta está sempre, profeticamente, localizado nos Estados Unidos. Mas, com o dragão, a característica de

onde o dragão está profeticamente localizado é que ele está sempre em movimento. O dragão começou no céu, depois veio ao Jardim do Éden e, por fim, o dragão está localizado no Egito.

Fala e diz: Assim diz o Senhor Deus: Eis que eu estou contra ti, Faraó, rei do Egito, o grande dragão que jaz no meio dos seus rios, o qual disse: Meu é o meu rio, e eu o fiz para mim. Ezequiel 29:3.

A localização profética do dragão muda. No tempo de João, a sede do dragão, que representa o seu trono, foi identificada como estando em Pérgamo.

Ao anjo da igreja em Pérgamo, escreve: Estas coisas diz aquele que tem a espada afiada de dois gumes: conheço as tuas obras e onde habitas, onde está o trono de Satanás; e reténs o meu nome, e não negaste a minha fé, mesmo naqueles dias em que Antipas, meu fiel mártir, foi morto entre vós, onde Satanás habita. Apocalipse 2:12, 13.

A prática da Roma pagã consistia em trazer de volta para a cidade de Roma todas as divindades pagãs com as quais passavam a se associar, e representá-las no Templo do Panteão. É por isso que Daniel registra que o “lugar do seu santuário foi derribado”. O lugar do santuário da Roma pagã era a cidade de Roma, a qual foi derribada por Constantino no ano 330; mas o santuário que estava “em” Roma era o Templo do Panteão, Pan-Theon significando “o templo de todos os deuses”. Os romanos transferiram a localização da sede de Satanás de Pérgamo para o Templo do Panteão. A irmã White nos informa que a Roma pagã é o dragão.

“Assim, embora o dragão represente, primariamente, a Satanás, é, em sentido secundário, um símbolo da Roma pagã.” O Grande Conflito, 439.

Roma pagã dividiu-se em dez nações, e a França tornou-se o rei do sul quando introduziu o ateísmo do Egito durante a Revolução Francesa. Até 1917, o dragão havia se deslocado da França para a Rússia. O versículo dez representa 1989, e os versículos onze e doze representam as batalhas da “fronteira” (Ráfia e Ucrânia), e a batalha de Pânio representa o terceiro passo que o papado cumpre ao assegurar a tríplice união no versículo dezesseis. Isso representa a história oculta do versículo quarenta.

Continuaremos este estudo no próximo artigo.

Quando Jesus chegou às regiões de Cesareia de Filipe [Panium], perguntou aos seus discípulos: Quem dizem os homens que eu, o Filho do Homem, sou? E eles disseram: Uns dizem que és João Batista; outros, Elias; e outros, Jeremias, ou um dos profetas. Ele lhes disse: E vós, quem dizeis que eu sou? E Simão Pedro respondeu: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. E Jesus respondeu e lhe disse: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelou, mas meu Pai, que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja; e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus; e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus. Então ordenou aos seus discípulos que a ninguém dissessem que ele era Jesus, o Cristo. Desde então começou Jesus a mostrar aos seus discípulos que era necessário ir a Jerusalém, padecer muitas coisas da parte

dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e ressuscitar ao terceiro dia.
Mateus 16:13-21.